

definida (263 animais) criados em abrigos (24) na região metropolitana do Recife, com idade e sexo variados, identificando traços comportamentais desses animais para a construção do “perfil comportamental do gato de abrigo” na relação social com pessoas conhecidas (pc) e desconhecidas (pd). A escolha de abrigos se deu por serem os locais de maior procura por adoções de gatos e por participarem de feiras de adoções periódicas por toda a cidade. Os resultados mostraram os traços “sociável” com 81,75% para pc e 72,62% para pd; “curioso” com 81,15% para pc e 81,54% para pd; “aprecia atenção” com 81,75% para pc e 69,20% para pd; e “se esfregar e carícias” com 81,0%; “gosta de colo e/ou braço” com 65,63%; “brincalhão” com 60,84% para pc e 56,87% para pd; “vocalização” com 26,24% para pc e 20,55% para pd; “agressividade” com 2,28% para pc e 2,69% para pd; e “insegurança” com 4,94% para pc e 17,87% para pd. Os resultados obtidos revelaram que o perfil comportamental de gatos de abrigo na relação social com seres humanos conhecidos e desconhecidos refere-se a animais muito sociais, dóceis e curiosos, que gostam muito de se esfregar em pessoas e de receber sua atenção, que aceitam colo e/ou braço, brincalhões, pouco vocais e raramente inseguros. Dessa forma, ficou comprovado que na população avaliada os gatos apresentam um perfil comportamental adequado ao convívio social com humanos, estando aptos aos programas de adoção animal.

24 PERFIL COMPORTAMENTAL DO GATO DOMÉSTICO (*FELIS SILVESTRIS CATUS*), SEM RAÇA DEFINIDA CRIADO EM ABRIGO, NA RELAÇÃO SOCIAL COM OUTROS GATOS

MOURA, R. T. D.¹; CUNHA, A. L. T.²; OLIVEIRA DOS SANTOS, T.³; BARBIERI, L. S.³; TAVARES, M. H. B.³; COELHO, M. C. O. C.⁴

¹ Docente em Clínica Médica de Caninos e Felinos do Departamento de Medicina Veterinária da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE). E-mail: roseana.diniz@gmail.com

² Médica-veterinária autônoma.

³ Graduandas em Medicina Veterinária da UFRPE.

⁴ Docente em Clínica Cirúrgica do Departamento de Medicina Veterinária (UFRPE).

Os gatos foram domesticados há pelo menos 9.500 anos, quando ser humano descobriu, com o surgimento das sociedades agrícolas, que poderiam ser utilizados para proteger as colheitas contra os roedores. A morfologia e a aptidão predatória herdadas de seus ancestrais felídeos permaneceram inalteradas por muitos séculos e, como consequência da pouca influência do ser humano em seu acasalamento seletivo, os gatos apresentam uma organização social muito semelhante à de seus antepassados. Por possuírem características físicas, comportamentais e de adaptabilidade que facilitam seu convívio em ambientes diversos rurais ou urbanos, os gatos têm encontrado maior aceitação como animal de estimação na vida moderna, embora também tenham sofrido abandonos e maus-tratos por serem pouco compreendidos. Dessa forma, entender melhor essa espécie tem sido uma necessidade crescente para o seu bem-estar e convívio bem-sucedido com a espécie humana. O trabalho estudou gatos domésticos (*Felis s. catus*) sem raça definida (263 animais) criados em abrigos (24) na região metropolitana do Recife, de ambos os sexos e idade variada, identificando seus traços comportamentais de modo a ser traçado seu “perfil comportamental” na relação social com outros gatos conhecidos (gc) e desconhecidos (gd). Os resultados exibiram para o escore muito/com frequência os traços comportamentais “sociável”, com 92,78% para gc e 80,92% para gd; “curioso”, com 84,23% para gc e 83,85% para gd; “aprecia deitar junto” com 80,61%, “aprecia carícias” com 82,76%, “brincalhão” com 53,99% para gc e 42,0% para gd; “vocalização” com

9,27% para gc e 8,54% para gd; “agressivo” com 1,52% para gc e 5,51% para gd; e “inseguro” com 3,04% para gc e 7,34% para gd. Os resultados obtidos revelaram que o perfil comportamental de gatos de abrigo na relação social com outros gatos incluiu animais muito sociáveis, dóceis, curiosos e autoconfiantes, que apreciam muito deitar juntos e receber carícias, brincalhões, e pouco vocais. Esses achados trazem informações relevantes sobre a capacidade de adaptação dos gatos de abrigos ao convívio em grupo, muitas vezes superpopulosos, e sem opções de escolhas; e onde, apesar do alto padrão de estresse esperado, eles buscam uma harmonia no convívio, que permite melhor grau de bem-estar animal do grupo.

25 CONSTRUÇÃO E USO DE INSTRUMENTOS DE ENRIQUECIMENTO AMBIENTAL COM MATERIAIS RECICLÁVEIS EM ABRIGO DE GATOS DOMÉSTICOS

BAPTISTA, R. I. A. A.¹; MOURA, F. M. L.¹; MOURA, R. T. D.²; BARBIERI, L. S.³; TAVARES, M. H. B.³; OLIVEIRA DOS SANTOS, T.³;

¹ Médicas-veterinárias da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE). E-mail: raissaivna@yahoo.com.br

² Docente em Clínica Médica de Caninos e Felinos do Departamento de Medicina Veterinária (UFRPE).

³ Graduandas em Medicina Veterinária (UFRPE).

Devido aos graves e negativos impactos ambientais provocados pelas atividades humanas sobre o planeta, um dos maiores desafios dessa esfera é o desenvolvimento sustentável. A preocupação com as gerações futuras tem feito que a sociedade procure alternativas de retardar esse descarte, bem como transformar a matéria-prima em material biodegradável. Levando em conta esse panorama, a reciclagem de resíduos sólidos é uma das escolhas que contribuem para solução do problema – e uma das maneiras de reaproveitamento desse tipo de material é a confecção de brinquedos como instrumentos de enriquecimento ambiental (EA) para os animais. Eles podem ser efetuados com materiais que são facilmente descartados e encontrados, tais como garrafas PET, pneus, cordas, caixas de madeira e papelão. O EA é um conjunto de técnicas que modificam o ambiente físico e/ou social, melhorando a qualidade de vida do animal e proporcionando condições para suas necessidades etológicas, medida importante para o bem-estar de animais que vivem em ambientes restritos, como em abrigos de gatos, onde encontram-se vítimas de abandono e maus-tratos. As formas de enriquecer o ambiente e estimular o animal são diferenciadas em física, sensorial, cognitiva, social e alimentar. O trabalho objetivou mostrar a utilização de materiais recicláveis como instrumentos de EA (FEA), bem como sua recepção por gatos de abrigo. O estudo foi realizado em um abrigo de gatos domésticos, situado na região metropolitana do Recife, com população (101 animais) composta por fêmeas (n=59) e machos (n=42) sem raça definida. Para a confecção dos brinquedos, foram utilizadas nove garrafas PET e uma caixa de madeira, todos recolhidos do lixo doméstico. Com a garrafa PET foram criados dois tipos de brinquedos: as garrafas PET com bolinhas e as garrafas PET com ração. Cada brinquedo foi observado por um período de dois dias, das 10 às 18 horas, totalizando 16 horas de observação por brinquedo. As observações comportamentais de aproximação e interação dos animais com os instrumentos foram efetuadas pelo método *ad libitum* e registradas em planilhas específicas. A caixa de madeira foi bem aceita no abrigo, uma vez que os animais passaram a utilizá-la como dormitório, assim como local para brincadeiras. Com a garrafa PET com bolinhas plásticas, os animais interagiram 25 vezes. Além disso, foi notado que alguns animais tiveram dificuldade de interagir com esse instrumento, pois não compreenderam que o desafio era a retirada da bolinha de dentro da garrafa. De acordo com os registros, a garrafa PET

com ração conseguiu estimular 129 tentativas de retirada dos alimentos. A utilização de materiais recicláveis para fazer EA em abrigos de gatos é possível. Por serem facilmente obtidos e por representarem baixo custo, torna-se fácil sua confecção. Os animais interagiram com os brinquedos e passaram a ter melhor a qualidade de vida. Os comportamentos naturais como caça, relação social e brincadeiras foram estimulados. A transformação de resíduos sólidos em FEA em abrigos de gatos é uma importante alternativa de reuso e reciclagem, pois ao invés de estar poluindo e gerando impactos ambientais, eles proporcionaram a melhora do bem-estar e da qualidade de vida dos animais confinados.

26 AVALIAÇÃO DO COMPORTAMENTO SOCIAL AGONÍSTICO E AMISTOSO DE GATOS DOMÉSTICOS EM ABRIGO

BAPTISTA, R. I. A. A.¹; MOURA, F. M. L.¹; MOURA, R. T. D.²; BARBIERI, L. S.³; TAVARES, M. H. B.³; OLIVEIRA DOS SANTOS, T.¹

¹ Médicas-veterinárias pela Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE). E-mail: raissaivna@yahoo.com.br.

² Docente em Clínica Médica de Caninos e Felinos do Departamento de Medicina Veterinária UFRPE.

³ Graduandas em Medicina Veterinária (UFRPE).

O comportamento, uma das propriedades mais importantes da vida animal e fundamental nas adaptações das funções biológicas, designa a forma como um organismo reage com o seu ambiente. Os comportamentos são agrupados em categorias funcionais como reflexos posturais; padrões de locomoção e comportamentos alimentar, sexual, de cuidado parental, e de comunicação, entre outros. O comportamento social é qualquer interação direta entre indivíduos da mesma espécie, geralmente aparentados que vivem em um grupo, podendo variar de acordo com a diversidade de seus habitats e com as diferenças de composição dos grupos, já que a permutação social se dá no comportamento de machos, fêmeas, adultos e jovens. Dentro de um grupo, as relações de dominância e subordinação são determinadas, permitindo o estabelecimento de uma hierarquia, tendo como principal função a prioridade na obtenção de recursos que contribuam para o sucesso da espécie, como água, alimentos, locais para descanso e parceiros sexuais. Isso favorece o surgimento de relações agonísticas ou amistosas (afiliativas). Este trabalho se instituiu em observar o comportamento social de agressão e autolimpeza, exemplos de relações agonísticas e amistosas, respectivamente, em um abrigo de gatos domésticos, fazendo uma associação com o sexo do animal. O estudo foi realizado em um abrigo na região metropolitana do Recife, com população (101 animais) composta por fêmeas (59, castradas) e machos (42, sendo 34 castrados) sem raça definida, onde não havia separação de animais pela faixa etária ou sexo, convivendo e partilhando os mesmos espaços. Os comportamentos de autolimpeza e agressividade foram observados no horário das 10 às 18 horas, por 11 dias, totalizando 88 horas, pelo método *ad libitum*. Os dados comportamentais foram registrados e repassados para as fichas de observação comportamental. Foram obtidos 242 registros de autolimpeza, a maioria (52,4%) efetuada entre fêmeas. Pontuou-se 187 registros de agressões, em que as fêmeas (64%) também lideraram. Observou-se, ainda, a alta incidência de autolimpeza (19,4%) das fêmeas em machos castrados e, em contrapartida, as agressões (16%) das fêmeas desferidas contra machos inteiros. Este achado pode estar relacionado ao grande número de fêmeas no abrigo e, por isso, a probabilidade de ocorrência maior nesse gênero. A convivência estreita obrigatória de fêmeas com machos – inclusive inteiros, o que não é natural à espécie – deixa as fêmeas mais agressivas. Esses comportamentos agressivos podem ocorrer em ambientes restritos pouco atrativos para o animal, sem

enriquecimento ambiental. Assim, o enriquecimento ambiental de recintos que abrigam muitos gatos juntos promove melhoria psicológica e fisiológica para os animais, diminuindo esse tipo de comportamento por favorecer sua socialização e bem-estar. Os comportamentos sociais observados nos animais do abrigo em estudo são compatíveis com a situação de superpopulação, ausência de enriquecimento ambiental, assim como a falta de separação dos animais entre sexo e faixa etária (manejo inadequado), uma realidade dos abrigos de animais domésticos nos grandes centros urbanos.

27 ANÁLISE DE DENÚNCIAS DE MAUS-TRATOS CONTRA ANIMAIS EM CURITIBA, PARANÁ, E CORRELAÇÃO COM RENDA MENSAL E HOMICÍDIOS

COSTA, E. D.¹; MARTINS, C. M.²; CUNHA, G. R.³; FERREIRA, F.⁴; GARCIA, R. C. M.⁵; BIONDO, A. W.⁵

¹ Doutora em Medicina Veterinária e Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Veterinárias da Universidade Federal do Paraná (UFPR). E-mail: ise_bcr@hotmail.com.

² Pós-doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Epidemiologia Experimental Aplicada às Zoonoses na Universidade de São Paulo (USP).

³ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências Veterinárias (UFPR).

⁴ Mestre, Doutor e PhD da Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia (FMVZ-USP).

⁵ Mestres, Doutores e PhDs do Departamento de Medicina Veterinária (UFPR).

O abuso contra animais é um comportamento não acidental, socialmente inaceitável, que causa dor, sofrimento, angústia e/ou a morte de um animal. No Brasil, praticar ato de abuso contra animais é um crime previsto na Lei Federal nº 9.605, de 12 de fevereiro de 1998. A desatenção às questões de violência contra animais demonstra a falta de familiaridade com a evidência de uma associação com outras formas de violência. A fim de obter um perfil dos casos confirmados de maus-tratos a animais, verificar a correlação com dados populacionais e de homicídios, além de elaborar um mapa com a distribuição espacial por bairros no município de Curitiba, Paraná, foram analisadas, no período de abril a setembro de 2013, 1.157 de 2.016 (57,39%) chamadas de maus-tratos a animais realizadas à central de telefone 156 da prefeitura do município, encaminhadas à Rede de Defesa e Proteção Animal de Curitiba e averiguadas por seus agentes fiscais. Houve uma média de 11,01 (2.016/183) chamadas diárias de maus-tratos. Das 1.157 chamadas analisadas, 2.074 situações de maus-tratos foram denunciadas e apenas 538 foram confirmadas pelos fiscais: 153 (28,44%) devido ao ambiente inadequado; 93 (17,29%) por restrição de espaço; 91 (16,91%) pela falta no fornecimento de alimentação; e 86 (15,99%) por falta de assistência veterinária, situações que puderam ser classificadas como negligência, forma mais comum de abuso contra os animais. O cão foi a espécie que mais sofreu abuso (272/356, 76,40%). As chamadas confirmadas de maus-tratos a animais se referiram a 335 endereços diferentes, em que orientação (157/335, 46,87%) e notificação (142/335, 42,39%) foram as condutas mais adotadas pelos fiscais. Houve uma correlação positiva e significativa entre casos confirmados de abuso de animais e população total por bairros ($p < 0,001$; $r = 0,741$), e entre os casos de homicídio nos bairros ($p < 0,001$, $r = 0,657$), e uma correlação significativa e negativa entre casos confirmados de abuso e renda mensal média da população por bairros ($p < 0,005$, $r = -0,323$), o que significa que nos bairros mais populosos, com os rendimentos mais baixos e com mais ocorrências de casos de homicídio, mais casos de abuso de animais foram confirmados – correlações que têm sido verificadas em casos de